



Goffman: a fronteira sutil entre a fala cotidiana e a locução no rádio¹

Sônia Caldas Pessoa²
Centro Universitário Newton Paiva
Faculdade Estácio de Sá Belo Horizonte

Resumo

O último livro escrito pelo sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1981), *Forms of Talk*, publicado em 1981, traz um precioso artigo, inédito em português, sobre a fala no rádio. *Radio Talk* abre espaço na obra de Goffman para a relação paradoxal entre a fala rotineira e a espontaneidade no rádio. A situação social das interações face a face é investigada no rádio. As estratégias do locutor para se manter no ar, não perder a compostura e conseguir se posicionar diante dos formatos radiofônicos e dos obstáculos que conduzem ao erro levaram o sociólogo a se encantar pela fala radiofônica. Elementos e manobras intrínsecos ao meio permeariam as nossas relações rotineiras, estabelecendo uma fronteira tênue entre a fala cotidiana e a fala espontânea no rádio.

Palavras-chave

Rádio; Erving Goffman; interação face a face; fala radiofônica; fala cotidiana

A sociologia de Goffman

O canadense Erving Goffman (1922-1981) é considerado um dos mais influentes sociólogos do século XX. A temática central de sua obra está concentrada na postura do falante em encontros sociais face a face e no comportamento de pacientes mentais em instituições psiquiátricas. Goffman teria se inspirado nos ensaios do sociólogo alemão Georg Simmel, um dos precursores da microsociologia, bem como nos escritos do francês Emile Durkheim, que cunhou os principais conceitos da sociologia e fundou a escola francesa de sociologia. Os estudos de Goffman são base frequente para pesquisas em psicologia social, sociolinguística e sociologia. Nos últimos dez anos são referência para autores que se dedicam ao entendimento das relações sociais estabelecidas por

¹ Trabalho apresentado NP de Rádio e Mídia Sonora, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora de Jornalismo do Centro Universitário Newton Paiva e da Faculdade Estácio de Sá e professora do curso de pós-graduação em Mídia Eletrônica do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH)



meio do computador e da Internet, embora nenhum deles existisse quando Goffman refletiu e escreveu sobre a linguagem, considerada por ele como lócus de negociação social, e as relações face a face.

A última contribuição

O estilo elegante do último livro produzido por Erving Goffman convida os interessados nas intrincadas relações face a face e no discurso radiofônico a uma leitura que se revela tanto agradável quanto complexa, assim como de todo é a obra do sociólogo canadense. *Forms of Talk* reúne cinco artigos cuja temática central é a fala, tratada com ênfase na concepção do enunciador. A obra, que teve uma parte publicada originalmente em inglês em 1981, ano da morte de Goffman, foi escolhida para integrar essa coletânea sobre Teoria do Rádio. Apenas um dos cinco textos de *Forms of Talk* é inédito,³ tendo sido produzido especialmente para o livro. Trata-se de *Radio Talk – a study of ways of our errors*, que nos interessa em particular e se distingue dos demais não somente pelo ineditismo, mas também por analisar dados naturais gravados de programas radiofônicos. Os outros, redigidos entre 1974 e 1980, mencionam dados de fala simulados pelo próprio Goffman, motivo pelo qual alguns autores questionam a importância dos resultados apresentados em algumas dessas pesquisas.

Forms of Talk parece percorrer o caminho de volta aos estudos iniciais do autor. O interesse pela pesquisa sobre a interação face a face, explicitada em *Strategic Interaction* (1969) já havia sido sinalizado na sua tese de doutorado defendida na Universidade de Chicago, em 1953, cujo foco é a interação social da comunidade rural das Ilhas Shetlands, nos Estados Unidos. E *Radio Talk* abre espaço na obra de Goffman para a relação paradoxal entre a fala rotineira e a espontaneidade no rádio. Em *A situação negligenciada* (1964), artigo no qual, alerta pesquisadores sobre a importância de estudar um fenômeno pouco abordado na academia até então — a situação social das interações face a face —, o autor se dedica a um meio também pouco estudado do ponto de vista das interações.

³ *The Lecture* foi impresso pela primeira vez em *Forms of Talk*, mas trata da transcrição de uma aula ministrada por Goffman.



Radio Talk

Radio Talk pode ser considerado o artigo mais denso, longo e original de *Forms of talk*, sendo o último dos cinco textos publicados no livro. Os outros quatro compõem a coletânea. Em *Replies and Responses* os interlocutores alternam turnos de fala em unidades mínimas interacionais denominadas *moves* ou lances. *Response Cries* analisa pequenas expressões cotidianas que aparecem inesperadamente como se o falante falasse para si próprio, permitindo que o outro percebesse o *self*. *Footing* propõe o conceito de *postura, alinhamento ou projeção social* do falante desenvolvido em *Frame Analysis*, publicado em 1974. O exemplo dado pelo autor é uma brincadeira do presidente norte-americano Nixon, em 1973, com uma jornalista que usava calças compridas durante uma entrevista coletiva na Casa Branca. O presidente questiona o uso das calças e determina que ela volte aos vestidos; ela responde com uma pirueta. Ambos mudaram de postura e de alinhamento durante a interação. E, por fim, *The Lecture* é aula ministrada por Goffman em Michigan, em 1976, sobre os aspectos interacionais da própria aula.

Seguindo o exemplo de publicações anteriores, Goffman compilou escritos sobre um tema único — a fala. Na coletânea, o modelo de análise apóia-se no sistema utilizado anos antes em *Frame Analysis*, um ponto de inflexão marcante da obra tardia de Goffman, em direção à sociologia da fala (Gastaldo, 2004). Para Phillips (1983), esse é um momento especial na trajetória teórica do autor, caracterizando uma *virada lingüística de Goffman*. Mas o próprio Goffman parece cauteloso e modesto sobre o assunto, ao afirmar que a análise contida em *Forms of Talk* serviria como exercícios ou testes, mas não ficaria para a posteridade. Nos últimos anos de vida, a categorização de autores e obras não agradaria a Goffman, que preferiria não ter seu legado aliado ao interacionismo simbólico (Smith, 2004).

Radio Talk revela algumas das razões que levaram o autor a escolher esse tipo de interação como objeto de estudo: a transmissão radiofônica está sempre disponível, é fácil de gravar e a sua utilização na pesquisa lingüística prescinde de autorização, pois se trata de falas públicas. O *corpus* é constituído por oito falas compiladas em um disco (LP) e três em livros produzidos por Kermit Schafer, além de 20 horas de gravações de programas em duas emissoras de rádio, na Filadélfia e em São Francisco. O



desenvolvimento da pesquisa incluiu ainda a observação do trabalho de um *DJ* e uma entrevista com esse profissional, assim como notas informais sobre transmissões radiofônicas, tomadas num período de três anos. Parece-me ser essa a única incursão de Goffman na pesquisa sobre a fala no rádio. O estudo de interações públicas e, na maioria das vezes, constrangedoras, se deu em sua obra especialmente a partir da análise de conversas face a face, condição *sine qua non* para esse tipo de abordagem em Goffman.

Baptista (2002), que estudou a co-construção do enquadre pessoal por meio de conversas telefônicas entre locutores de rádio e ouvintes, registra outros pesquisadores estrangeiros que se ocuparam da comunicação radiofônica. Aqueles que o fizeram, especialmente na década de 1980, quando *Radio Talk* foi publicado, centraram-se na análise das entrevistas como fonte de poder (Heritage, 1984; Greatbatch, 1988; Gaik, 1992; Moss & Higgins, 1984; Liddicoat et al., 1993; e Hutchby, 1992).

O foco de *Radio Talk* é a análise dos erros em programas radiofônicos, sendo a preocupação principal do autor a competência na produção da fala. As falhas cometidas pelos *DJs* interessam a Goffman na medida em que representariam fenômeno rotineiro nas interações sociais: são os lapsos. Tão comuns e aceitos na fala cotidiana, os lapsos podem ter efeito diferenciado no rádio. Na transmissão radiofônica as atenções se voltam para a fala e os erros não passam despercebidos, despertando a atenção do ouvinte. Podem mesmo ganhar o *status* de gafe, merecendo por isso reparação ou mudança de alinhamento por parte do locutor.

O próprio autor descreve como um dos objetivos principais do artigo a abordagem teórica da locução radiofônica a partir da perspectiva da audiência. Para isso, alia questões sociolinguísticas e etnográficas em nome da microssociologia. Toma, para a descrição desse fenômeno, a tradição do controle social e da fala como competência. O erro da fala, então, é alçado ao *status* de objeto de estudo. Goffman alerta para o fato de o discurso radiofônico tentar produzir o efeito de espontaneidade, respeitando o estilo pessoal de cada locutor, que, aliás, dominaria e administraria bem as condições de produção dessa fala. Os locutores imprimem a idéia de que acreditam no que dizem e atenuam a leitura para simular espontaneidade. Somados a essas estratégias estão fatores como o padrão da emissora de produzir sentenças de fácil entendimento (um caminho



para remeter à fala espontânea), o treinamento dos locutores para evitar erros e a elaboração editorial prévia à transmissão do programa.

As falhas são classificadas em dois grandes grupos em *Radio Talk*. Podem ser informadas ou desinformadas, levando-se em consideração que é possível o falante ser informado sobre o seu erro pelo interlocutor, o que o levaria à possibilidade de reparação. As falhas informadas incluem disfluências (truncamentos, preenchimento de pausas e hesitações) e lapsos (ambigüidade não intencional). Já nas falhas desinformadas estão agrupadas o erro crasso (deficiência intelectual, tentativa malsucedida de superar a própria competência lexical) e a gafe (violação de boas maneiras ou transgressão de normas sociais de conduta).

Um conjunto de técnicas padrão pode ser empregado para evitar e reparar falhas na perspectiva do controle social. Uma dessas técnicas consiste em o falante escolher termos alternativos aos usuais, quando não estiver seguro sobre a utilização desses. Outra estratégia de reparo é evitar abordar pontos fracos do ouvinte. Ao perceber o erro, o falante tem a alternativa de continuar a atividade sem reconhecê-lo, o que permitiria que ele *escapasse ileso* se os ouvintes não tivessem identificado o equívoco. Essa técnica evitaria chamar a atenção para o erro no caso dos ouvintes o terem percebido. No rádio, o falante poderia optar entre a reação e a reparação ao perceber uma falha. O embaraço, a aflição e a notificação constituem a reação, enquanto que o esforço corretivo tanto substantivo quanto ritualístico estariam no campo da reparação.

O termo falante, para o qual Goffman atribui diversos sentidos, é central na discussão da produção da fala: *animador* (uma caixa sonora de onde emergem as elocuições); *autor* (agente que compõe as falas) e *responsável* (as palavras atestam a posição e as crenças do grupo). Essas três funções não se apresentam em conjunto no discurso radiofônico, já que o locutor fala não só em seu próprio nome, mas também representando a emissora, o patrocinador e outros responsáveis distantes.

A produção da fala na sociedade letrada se dá, para o autor, de três formas: a recitação (memorização), a leitura em voz alta e a fala espontânea (resultado da montagem e codificação do texto em resposta imediata a uma audiência). Cada uma dessas formas está relacionada a formatos específicos de produção da fala, que sustentam a relação



falante-ouvinte. Em geral, na fala espontânea encontra-se adequação entre animador, autor e responsável.

O *espaço de enquadre* reúne as diversas possibilidades interpretativas a partir das quais as palavras do falante serão compreendidas. A fala considerada adequada em um encontro social indica que o falante respeita esse espaço de enquadre; na fala inaceitável o falante assumiria um alinhamento que extrapola esse limite. É importante ressaltar que o falante tem direito a fazer reparações, mas elas exigiriam mudança de *footing*.

A locução

Goffman utiliza o termo *locução* num sentido amplo, aplicando-o a toda fala rotineira produzida em um microfone. A locução apresenta-se em três modos – simultânea, triangular e direta –, que conduzem o falante em *footings* diferentes.

No formato simultâneo, no qual o locutor descreve o que acontece imediatamente após o ocorrido, a fala espontânea é pré-requisito. Cabe ao locutor sustentar com sua audiência um encontro subordinado à ação reportada na fala. A locução triangular, por seu turno, tem lugar nas entrevistas com convidados, *talk-shows* e entrevistas *in loco* – reportagens, por exemplo. O locutor ou mestre de cerimônias, nas palavras de Goffman, mantém a conversa, uma fala espontânea, com o (s) convidado (s), ao passo que a audiência (distante) se coloca como um participante ratificado, sem, contudo, assumir o papel de falante. Similarmente à interação face a face, o locutor se dirige ao público para inseri-lo na conversa e informá-lo sobre questões relevantes que eventualmente surjam. A mudança de *footing* se dá em momentos como a interrupção da conversa com um entrevistado para chamar o comercial. O ouvinte ganha o papel principal na fala direta. É o momento em que o locutor se dirige a ele sem intermediários, como se cada um fosse especial. É a simulação da conversa com o outro, de forma direta, ainda que a interação seja mediada pelo rádio. Os comunicados de utilidade pública, comerciais e transição entre os programas registram alteração no *footing* do locutor.

A leitura em voz alta e a fala espontânea estão presentes nos três modos de locução apresentados. A recitação tem papel mais discreto e é observada em pequenos comerciais memorizados, que podem ser comparados aos testemunhais – anúncios que



apresentam o depoimento de um suposto consumidor – ao vivo em programas radiofônicos brasileiros.

A fala espontânea aparentemente sem erros

A fala no rádio exige do locutor adaptação às especificidades do próprio meio de comunicação, além de ter de lidar com as contingências da fala cotidiana. A era eletrônica acarreta a exposição dos erros em âmbito maior. Na interação face a face ambigüidades lexicais e pragmáticas têm mais chances de ocorrer sem chamar muita atenção. No rádio, ambigüidades especialmente de enquadre são notadas com certa facilidade, provocando conseqüências como o descredenciamento da interpretação da leitura e a atenção redobrada do ouvinte em relação a leituras de palavras de duplo sentido. Aqui percebe-se claramente falha no controle social das interações.

O público teria prazer em identificar as falhas dos locutores, mas esses estariam privados de respostas do controle social, como risos do ouvinte, por exemplo, que não poderiam escutar durante os erros. O fato de alguns textos serem produzidos por outros redatores dificulta a tentativa do locutor de disfarçar o erro. Outros tipos de falhas são relacionados por Goffman, tais como trilhas e faixas que entram no momento errado, comentários de bastidores e instruções lidos como se fossem parte do texto que deve ir ao ar, interrupções na leitura de um texto quando se passa de uma página para a outra, textos incompletos, confusos e sem sentido, efeitos sonoros inseridos em momentos inadequados, ações involuntárias perturbadoras (arrotos, soluços, espirros e tosses), confusão sobre o microfone – se está ligado ou desligado – e a divulgação no ar de sons e diálogos que deveriam estar restritos ao ambiente de produção.

Competência do locutor

Pressupõe-se que a fala no rádio admita tropeços, mas que haja também espaço para que o locutor apresente a sua versão sobre aquele equívoco. Há estilos distintos de fazê-lo. Para Goffman, alguns podem preferir desempenhar o papel de alguém acanhado com o erro e dizer ao público que ele não cometeria tal falha. Outros desenvolvem estratégias de superação do erro, com discursos que são praticamente um *show*. O locutor está



diante de uma situação de risco, onde um erro pode levar a outro, perfazendo, no sentido inverso, o mesmo caminho circular de uma locução bem sucedida.

Gerenciamento de falhas

O espaço de enquadre do locutor ao escolher as táticas que o ajudarão na gestão dos erros é examinado por Goffman em quatro categorias: (1) elaboração *ad hoc*; (2) metacomunicação; (3) subversão; e (4) auto-comunicação. A primeira dá ao locutor a possibilidade de usar o conhecimento pessoal para fazer ajustes no texto previamente elaborado, mudando a voz e o ritmo. Encontra campo fértil para sua realização em *talk-shows*, sendo mais difícil, no entanto, em noticiários. A metacomunicação é a fala do locutor em seu próprio nome, deixando por alguns instantes o discurso institucional da emissora. A mudança de *footing* com o uso da primeira pessoa do singular e do pronome pessoal reforça que a fala é de responsabilidade do próprio falante. A opção pela ironia, com o emprego da terceira pessoa para se referir a si mesmo, faz parte da prática para a auto-correção. O locutor pode, ainda, recorrer a um auto-relato para sair de uma situação difícil. A terceira tática mostra que o locutor nem sempre está disposto a defender os interesses institucionais da emissora no ar. A técnica para subverter os compromissos da empresa inclui marcadores fonológicos, comentários editoriais que rompam o enquadre e falas curtas em tom de voz mais baixo. O jogo de palavras estabelece um acordo tácito com a audiência, para que o locutor possa arbitrariamente introduzir uma linha editorial própria. Já o conluio exposto leva ao ar comentários que, em princípio, estariam restritos aos bastidores, como problemas na produção. Na tática da auto-comunicação o locutor expõe ao ouvinte informações às quais ele não teria acesso direto. Alguns exemplos são os comentários sobre o sentido inadequado de um texto, as palavras soltas que externalizam os sentimentos do locutor, as observações que ele endereça a si mesmo e até mesmo a repetição do próprio erro, proferida num tom de auto-zombaria. Na auto-comunicação o riso pode invadir a voz do falante.

Goffman termina *Radio Talk* com uma comparação entre a fala cotidiana e a fala radiofônica. O autor considera um aprendizado importante a observação e a análise da fala no rádio. As estratégias do locutor para se manter no ar, não perder a compostura e conseguir se posicionar diante dos formatos radiofônicos e dos obstáculos que conduzem ao erro levaram o sociólogo a se encantar pela fala radiofônica. Elementos e



manobras intrínsecos ao meio permeariam as nossas relações rotineiras, estabelecendo uma fronteira tênue entre a fala cotidiana e a fala espontânea no rádio, em um *jogo trivial por toda nossa vida conversacional*.

Experiências pessoais e profissionais

Goffman nasceu em uma família de imigrantes judeus no interior do Canadá. Erving era o segundo filho de um comerciante e uma dona de casa. Na Universidade de Manitoba, Goffman estudou Química e de lá seguiu para Toronto, onde suas atenções se voltaram para a Antropologia e a Sociologia. Mas foi em Chicago, cuja universidade é uma das referências em Sociologia nos Estados Unidos desde 1890, que teria surgido a idéia de *instituição total*, conceito cunhado por Goffman em *Asylums* (1961), no qual descreve a experiência de doentes mentais no hospital psiquiátrico Santa Elizabeth. A pesquisa de doutorado foi realizada nas Ilhas Shetlands, onde morou por um ano. De lá seguiu para Paris, para se concentrar na redação da tese.

O casamento com uma jovem de 23 anos se deu depois da volta aos Estados Unidos. Em 1953, Goffman terminava a tese de doutorado enquanto ele e Angelica Choate tinham o primeiro filho. Nessa época, o filho de imigrante pobre do interior canadense havia cedido lugar ao bem sucedido intelectual. O prestígio na academia e o casamento garantiriam a ele ascensão à elite econômica norte-americana. Entre 1959 e 1969, Goffman publicou sete livros importantes. Nesse período a carreira de professor cresceu rapidamente. Em 1964 Goffman experimentou na vida pessoal o que descrevia em suas pesquisas sobre pacientes com distúrbios mentais. Angelica cometeu suicídio, o que o levaria cinco anos mais tarde a refletir sobre o assunto em *The insanity place*.

O reconhecimento público permitiu a Goffman passar um ano como convidado no *Harvard Center for International Affairs*. O resultado foram dois artigos publicados em *Strategic Interaction*. Em 1968 ocupou a cadeira de Sociologia e Antropologia na Universidade da Pensilvânia, demitindo-se da Universidade de Berkeley, após dez anos de trabalho na instituição. Na Pensilvânia continuou a publicar livros, que no futuro se tornariam referência nos estudos de sociolinguística: *Relations in Public* (1971), *Frame Analysis* (1974), *Gender Advertisements* (1979) e *Forms of Talk* (1981).



Bourdieu (1982) publicou, por ocasião da morte do sociólogo, o artigo “Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno”, no qual destaca a importância do trabalho do autor, de quem, aliás, foi um dos entusiastas e divulgadores na França. Para Bourdieu, *Forms of talk* se tornou referência não só para sociólogos, como também para psicólogos, psicossociólogos e sociolinguistas:

Goffman terá sido aquele que fez com que a sociologia descobrisse o infinitamente pequeno: aquilo mesmo que os teóricos sem objeto e os observadores sem conceitos não sabiam perceber e que permanecia ignorado porque muito evidente, como tudo o que é óbvio (BORDIEU, 1982, p.1).

Quase trinta após a sua morte, os estudos do controverso Goffman continuam a fundamentar pesquisas sobre as interações em encontros sociais. O reconhecimento do trabalho de Goffman no Brasil se dá em obras como *A Retórica da Ciência: uma leitura de Goffman* (Malufe, 1992), *Sociolinguística Interacional* (Ribeiro e Garcez, 2002) e *Erving Goffman: desbravador do cotidiano* (Gastaldo, 2004).

A investigação de discursos da mídia, nos quais se dá a exposição dos interlocutores em interações públicas, paradoxalmente levaram Goffman a tomar medidas cautelosas para a preservação da sua intimidade e vida privada. Era avesso a entrevistas para a mídia, não gostava de publicar fotos em seus livros e se negava a aparecer na televisão. Chegou mesmo a interromper uma palestra ao ser fotografado por um dos estudantes presentes na sua única visita ao Brasil. Essa visita se deu por ocasião do *I Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições*, realizado no Rio de Janeiro, em 1978, quando Goffman se encontrava no auge de sua carreira. O sociólogo participou do evento a convite do antropólogo Gilberto Velho, que considerou a conferência sobre *performances, frames*, teoria dos jogos e interação um sucesso (Velho, 2004). O anfitrião pôde testemunhar a preocupação de Goffman com o gestual, a etiqueta e os rituais de interação para não cometer gafes; para Velho, tratava-se de uma “pessoa excêntrica, difícil e imprevisível”.

Em 1981 morria Erving Goffman, um explicador cuidadoso de relações sociais espontâneas, um cientista social que olhava o seu objeto com lupa e o tratava minuciosamente, como se estivesse em um laboratório... de Química, a sua primeira área de formação. Meses antes de sua morte, em decorrência de um câncer estomacal, se



casara com a lingüista Gillian Sankoff, com quem teve uma filha. Aos 60 anos, havia sido eleito pouco antes para um dos cargos mais cobiçados entre os sociólogos dos Estados Unidos, o de presidente da Associação Americana de Sociologia.

Referências bibliográficas

BORDIEU, Pierre. Goffman: o descobridor do infinitamente pequeno (1982). In: GASTALDO, Édison (org). *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 11-12.

GAIK, F. Radio talk-show therapy and the pragmatics of possible words. In: DURANTI, Alessandro e GOODWIN, Charles (Ed.). *Rethinking context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p.271-289.

GASTALDO, Édison. Erving Goffman, antropólogo da comunicação. In: GASTALDO, Édison (org). *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 111-124.

GREATBATCH, D. A turn-taking system for British news interviews. *Language in Society*. V.17, n.3, p.401-403, 1988.

HERITAGE, J. Analysing news interviews: aspects of the production of talk for an overhearing audience. In: T.A., Van Dijk (Ed.). *Handbook of Discourse Analysis*. London: Academic Press, 1984. v.3, p.117-195.

HUTCHBY, I. Power in discourse: the case of arguments on British talk radio show. *Sociology*, v. 26, p. 673-94, 1992.

LIDDICOATA, A., DÖPKE, S., LOVE, K., & BROWN, A. Presenting a point of view: Caller's contributions to talkback radio in Austrália. *Journal of Pragmatics*, v. 22, n.2, p.139-156, 1993.

MALUFE, José Roberto. *A Retórica da Ciência: uma leitura de Goffman*. São Paulo: Educ, 1992.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

_____, Erving. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

_____, Erving. *Interaction ritual; essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.

_____, Erving. *A situação negligenciada* (1964). In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 13-20.



_____, Erving. *Footing* (1979). In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.107-148.

GREATBACH, D. (1988). *A turn - taking system for British news interviews*. *Langue Française* 52, pp 5-22.

PHILIPS, John. *Goffman's Linguistic Turn: a comment on Forms of Talk*'. In: *Theory, Culture and Society*, 1983. p-1-114.

RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SMITH, Greg. *Instantâneos 'sub specie aeternitatis' Simmel, Goffman e a sociologia formal*. In: GASTALDO, Édison (org). *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 47-80.

VELHO, Gilberto. *Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil*. In: GASTALDO, Édison (org). *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 37-45.